



Nuno Melo Alves

# A traição

Lutar pela Liberdade é nobre; é honroso; um sacrifício digno, pelos outros. Sacrifício esse que não se pode desvalorizar ou vulgarizar. Parte da luta pela Liberdade passa por assegurá-la através de regimes políticos democráticos; quem luta pela Democracia luta pela Liberdade. Celebrar as conquistas da Democracia e da Liberdade não é única forma de as valorizarmos: às vezes, é a forma de as desrespeitarmos.

A Liberdade não se honra especialmente (ou apenas) com hinos, paradas, desfiles, ou comemorações solenes. Honra-se, sobretudo, preservando-a no dia a dia e estando à altura da responsabilidade que encerra e exige. Uma sessão comemorativa do 25 de Abril na Assembleia da República, nos tempos atuais, é o maior desrespeito pela Democracia e pela Liberdade que se pode ter. É um sinal de ligeireza que se dá aos portugueses. É um inequívoco desrespeito para com os sacrifícios dos portugueses.

A Liberdade vive-se e honra-se quando alguém respeita a Democracia que a defende. Celebra-se quando, pacífica e ordeiramente, um Povo aceita por correta a decisão de se fechar o País. De se fechar a economia, comprometendo o rendimento de quem ainda trabalha e catapultando as empresas e os trabalhadores para uma crise económica e de desemprego como nunca se viu. De fechar as escolas,

comprometendo um ano letivo, o acesso às universidades, ao mercado de trabalho – ao que sobrar. De se proibir os ajuntamentos com mais que cinco pessoas. De se encerrar a religião coletiva. De se causarem consequências muito para além do prazo em que estarão em vigor os sucessivos estados de emergência.

ACEITAR AS DECISÕES DOS ÓRGÃOS DEMOCRÁTICOS DE PRIVAR A LIBERDADE EM CIRCUNSTÂNCIAS EXCECIONAIS REVELA UMA CIDADANIA EXEMPLAR E, DIGA-SE DE PASSAGEM, UM RESPEITO PELAS DIFÍCILS DECISÕES TOMADAS NA DEFESA DA SAÚDE PÚBLICA E, AINDA, UMA ENORME CONFIANÇA EM QUEM AS TORNOU. E, AINDA, REVELA QUE SE ACREDITA NO FUNCIONAMENTO DA DEMOCRACIA.

É um insulto a todos os que em Democracia obedecem e sujeitam-se à perda de liberdades – porque entendem que o bem maior assim o exige, porque sabem que o bom sentido assim o reclama e porque esperam que seja temporário – dar mais valor a uma fantochada de uma celebração, do que devolver um pouco de respeito (e mostrar gratidão) aos portugueses pela forma como se têm comportado desde que o vírus entrou nas suas vidas. E agrava esse insulto o fato de ser cometido precisamente por aqueles que têm democraticamente imposto as restrições à Liberdade dos portugueses.

Pior do que isso, do que teimar que o 25 de Abril é mais

importante que a própria Liberdade que dizem que evoca, é o permitir no dia 1 de maio, (por honra do 1 de Maio) manifestações e celebrações com ajuntamentos de pessoas. E, ainda por cima, com o cinismo de se dizer que terão que manter a distância social recomendada... Andam os portugueses isolados em casa; fechados com cercas sanitárias; famílias separadas porque não se pode fazer viagens de avião; sem poderem enterrar os mortos condignamente; sem poderem visitar os doentes; afastados das famílias para poderem trabalhar em atividades essenciais (saúde, segurança, etc.), sem se contagiarem ou contagiarem outros; sem poder visitar os seus familiares nem os seus idosos; sem poderem ter o conforto espiritual de praticarem a sua fé como deveriam; sem poderem trabalhar ou estudar, etc., etc., etc. Todos estes sacrifícios, estoicamente assumidos, para depois, por laivos que ninguém compreende, as mesmas instituições democráticas que impõem o estado de emergência e as restrições decidirem que naquele dia se pode “manifestar”... Haja respeito e haja juízo.

Comemorar a mudança de uma ditadura para um sistema político Democrático, que assegure a Liberdade? Claro que sim! Mas não a todo o custo. Fazer essa comemoração – nos moldes propostos, nesta fase e nestes tempos –, é perfido. É uma traição à Democracia. E à Liberdade.



Chrys Chrystello\*

# Um abril amordaçado nesta prisão sem grades

Custa-me este ano mais do que nunca que abril continue por se concretizar, que este país esteja cheio de fachos, de corruptos, de banqueiros e outros ladrões que nunca cumpriram pena nem devolveram à nação os milhões que roubaram, custa-me que a justiça, equidade, e democracia participativa se tenham esfumado em esquemas de partidos que apenas pensam nos votos e na sua manutenção no poder, de forma tão dinástica como a monarquia, custa-me ver as novas e velhas gerações afastadas das mesas de voto e que a res pública não seja preocupação de ninguém, mas de uns poucos que nada mandam e apenas podem sonhar como eu sonhei em 1974... Lamento que os senhores da política possam celebrar como querem o 25 de abril, e eu que serrei sempre um homem de abril nos atos e factos terei de ficar confinado. Mais pessoas ainda haverá capazes de usarem o poder político para melhorar a vida dos que obedecem e calam, e fazer deles seres informados, capazes de interpretar, discutir e debater o que é melhor, com base na criatividade de uma educação que os tornem em seres pensantes e não em carneiritos seguidores de manipuladores sem escrúpulos. Pessoas capazes de pensarem, como cidadãos europeus, na relevância de votarem dia 26 de maio em vez de absterem como vai acontecer a uma maioria esmagadora da população portuguesa, em especial nos Açores. 25 de Abril Sempre!

1974: Embora Timor não dispusesse de telex, desde o ano anterior dispunha já de contactos radiotele-fónicos com o mundo exterior. Assim, quando a Revolução dos Cravos aconteceu em 25 de Abril houve quem recebesse a notícia via telefone...

*Estava em Díli, Timor, na noite de 25 de abril 1974. Leio o que escrevi no meu livro Timor-Leste dos-sier secreto 1973-1975 (Ed. Contemporânea, 1999). Era hora de jan-*

*tar e eu estava de Oficial (Aju-dante) de Dia no Quartel-general. O idoso Oficial de Dia já estava há muito a olhar para o seu umbigo, depois da sua rodada habitual. Tony Belo, operador da Telecom local, a Rádio Marconi, ligou a dizer que o autor ia ter uma chamada telefónica uma hora depois. Chamei o condutor de serviço para ligar o Jeep e passados quinze minutos estava em Díli, ansiosamente esperando 'a chamada'. Presentezi tratar-se de algo muito importante, pois já concordara com a família que só haveria telefonemas em caso de emergência. Já há muito que confirmara que toda a correspondência era sujeita a censura prévia e as chamadas gravadas. Sem perder tempo, pedi ao condutor para passar por casa, onde comuniquei aos colegas de habitação (o cirurgião Prata Dias e Proença de Oliveira, um dos chefes da Repartição dos Serviços de Agricultura) o que ouvira. Pedi-lhes o máximo sigilo, liguei a rádio de 'ondas curtas' e regressei ao Q.G. onde anotei no relatório que nada havia a assinalar da 'ronda' pela cidade. Durante o resto da noite, escutei avidamente os noticiários da BBC, Rádio Austrália e toda uma série de emissoras (até ouvi a Rádio Paquistão, pela primeira vez). Na manhã seguinte, o camarada Freitas, que me ia render, perguntou se havia novidades de Portugal. Sem confiar em ninguém depois do que se passara com a controvérsia no jornal no mês anterior, respondi: "Nada, que esperavas?"*

Os dias que se seguem são caóticos, .... Do dia para a noite todos são revolucionários. Comecam a tomar vulto os rumores .... Estes boatos confundem muita gente, .., com os militares definitivamente divididos entre os progressistas - na sua maioria oficiais milicianos, fúriais e sargentos - e a velha guarda dos oficiais de carreira.

*Entretanto em Portugal, os soldados usam os cravos encarnados nos canos das suas espingardas. O povo anda excitado com a liberdade acabada de aprender. Sobre os ba-*

*rómetros da esperança depois de 48 anos de obscurantismo. A situação começa a clarificar-se em maio, embora nem todos os decretos apro-vados em Lisboa se tornem extensivos a Díli. ... A celebrada vitória vem estampada em todos os jornais e revistas que chegam a Timor, mas de uma certa forma, parece estar a anos-luz de Timor.*

Depois do 25 de Abril (data da Revolução dos Cravos em Portugal) comecei a publicar artigos que o Comando Militar e, em especial o CEM (Chefe do Estado-Maior Arno Metello) queriam evitar. Começara a ser chamado todas as manhãs ao CEM que simpaticamente mandava o seu motorista no velho Volkswagen do Estado-Maior buscar-me a casa. Nessa rotina lá tinha de explicar porque publicara artigos censurados e considerados material proibido. Esta rotina prolongou-se por bastante tempo e trouxe consequências ao meu serviço militar. Uma verdadeira caça ou o jogo do gato e o rato.

Como antimilitarista, ferrenho e emperrado, que sempre fui e recordando que fui obrigado a ir para fora defender um Império que já não existia e que, a mim, nada dizia, tenho de admitir que de nada me envergonho nesses anos, em que agi de acordo com a minha consciência, com a minha ação anticolonial como melhor forma de servir a dita "pátria" (segundo Ramos Horta eu era um oficial anticolonialista (in Expresso em 28/11/2015)

Hoje, os meus cravos murcharam e a esperança em dias melhores ficou perdida na memória daquele longínquo dia, a revolução está cada vez mais longínqua das ruas e das mentes carneirantas que nos regem e a poesia é a única arma que me resta.

\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713  
[Australian Journalists' Association MEAA]